

Romantismo, tempo e história moderna na obra “Os Filhos do Barro” de Octavio Paz.

Ival de Assis Cripa/UNICAMP*

Para Leyla Perrone-Moisés (1998: 148), é equivocada a atitude de alguns teóricos da literatura, que buscam na vida ou na carreira de um escritor “causas” para explicar sua obra, derivando a interpretação dessa obra das posições políticas do autor. Tais interpretações cometem o erro, diz a autora, de evitar uma discussão mais ampla de suas idéias. Segundo Perrone-Moisés, outra objeção que podemos fazer, é que “esse tipo de crítica se baseia numa concepção psicológica do ‘eu’ do escritor, que comandaria todas as suas ações, incluindo a escritura (PERRONE-MOISÉS, 1998: 148).

Nesse artigo, vamos discutir a noção de história e seu campo de referências na obra de Octavio Paz, sem simplificarmos a interpretação de seus ensaios sobre a história da literatura, derivando de forma mecânica as interpretações de seus ensaios sobre a história literária, das posições políticas, muitas vezes controversas, assumidas pelo poeta mexicano ao longo de sua vida.

Em 1931, com 17 anos, Octavio Paz publicou suas “primeiras letras”, em meio à enorme efervescência cultural do México na época da Revolução Mexicana. Em 1929, Álvaro Obregón, o último Presidente mexicano que ousou reeleger-se, foi assassinado e o General Calles, líder da facção burguesa da Revolução Mexicana que havia derrotado a Revolução Popular de Villa e Zapata, criou o Partido Nacional Revolucionário (PNR). Nos anos 30, o movimento estudantil, que era um dos principais protagonistas da agitação social, após uma greve de 40 dias conquistou

* Doutor em Teoria e História Literária Pela UNICAMP e Mestre em História Social pela USP. Professor da faculdade de Comunicação Social do Centro Universitário de UNIFIEO, Osasco/SP. O artigo é uma parte da Tese de Doutorado apresentada no Instituto de Estudos da Linguagem, na UNICAMP em 2007, sob o Título: **O Círculo, a Linha e a Espiral: temporalidades da poesia e da História na Obra de Octavio Paz**. Professor da faculdade de Comunicação Social do Centro Universitário UNIFIEO em Osasco/SP. E-mail para contato: ivaldeassis@yahoo.com.br

autonomia para a Universidade Nacional Autônoma do México, a UNAM. Octavio Paz foi aluno da “Escola Secundária Três” e participou das passeatas estudantis pelas ruas da cidade do México, em defesa da autonomia universitária. Quando ainda era um jovem poeta, Octavio Paz foi um dos fundadores da revista literária “Barandal” nos anos 1930, que era financiada com a publicidade do Banco do México. Em 1936, Paz escreveu o poema “¡No Pasarán!”, lema dos republicanos espanhóis que lutavam contra a ditadura de Franco e o fascismo:

Não passarão. Amigos, Camaradas, que não roce a morte em nossos lábios, que outras árvores doces não sequem (...) Detenhais a morte. A esses muros sinistros, sanguinários, oponhais outros muros.¹

Segundo Fernando Vizcaíno, biógrafo de Octávio Paz, esse poema era a expressão cultural da política de apoio do presidente Lázaro Cárdenas, eleito em 1934, que forneceu armas e refúgio aos republicanos espanhóis. Paz, como outros intelectuais mexicanos, estabeleceu uma relação ambígua de apoio e oposição aos governos do PNR, partido que em 1938 passou a se chamar, Partido Revolucionário Mexicano. Jorge Volpi acredita que o poema “No pasarán” garantiu a Octavio Paz “a admiração de seus camaradas e o beneplácito do regime cardenista. Se isso já não era pouco, Paz decidiu que os lucros obtidos com a venda da edição fossem doadas à Frente Popular Espanhola” (VOLPI, 2008). Segundo Vizcaíno, a edição completa do poema era de três mil e quinhentos exemplares, impressa nos Talleres Gráficos de la Nación, foi toda doada a Frente Popular Espanhola. (VIZCAÍNO: 1993: 64)

Na revista “Barandal”, Paz e outros jovens escritores se opunham aos adeptos da “arte pura” e defendiam do engajamento dos poetas nas grandes questões do seu tempo. Já nos na década de 30, a obra de Octavio Paz começou a gerar sentimentos antagônicos, pois ele era elogiado e criticado pelos defensores da “arte pura” no

¹ Tradução livre do espanhol para o português. Segundo Manuel Ulacia, o poema “No pasarán” foi publicado no ano 1936 de forma avulsa em algumas revistas no México, sob o formato de plaquette, que em espanhol quer dizer opúsculo ou folheto. Segundo Enrico Mario Santí, o poema “No Pasarán” foi publicado na Espanha, na cidade de Valência, no ano de 1937, na “Colección Héroe” dirigida por Manuel Altolaguirre, sob o título “Bajo tu clara Sombra y Otros Poemas sobre España”. Tivemos acesso ao poema “No pasarán” na íntegra na biografia de Octavio Paz elaborada por Fernando Vizcaíno, mas não foi possível encontrar nenhuma edição mais recente de poemas de Paz em que o poema tenha sido publicado. Talvez Octavio Paz tenha suprimido esse poema, por ele expressar uma fase mais “engajada” de sua poesia. Segundo Jorge Volpi, “No pasarán” foi publicado em quatro ocasiões: “además de la **plaquette**, editada por Simbad, se reproduce en **El Nacional** (4 de octubre), **Repertorio americano** (31 de octubre) y la edición española de **Bajo tu clara sombra y otros poemas sobre España** (1937). Sobre as referências citadas de Manuel Ulacia, Enrico Mario Santí e Jorge Volpe, ver bibliografia no final do artigo.

México. Tais sentimentos opostos foram suscitados, haja vista que o poema “No pasarán” expressava o compromisso social de Paz com a República Espanhola e teve uma forte ressonância entre os artistas da esquerda mexicana, diz Vizcaíno. Todavia, após a publicação, em 1937, do segundo livro de Octavio Paz intitulado “Raiz del Hombre”, paradoxalmente o livro era elogiado pelos adeptos da arte pura, enquanto que “No Pasarán” era criticado por eles. Salazar Mallén, membro da Revista Mexicana “Contemporâneos”, em 21 de Janeiro de 1937, publicou no jornal “El Universal” uma crítica afirmando que “No Pasarán” era uma “caixa de palavras vazias para ignorantes em poesia”, enquanto “Raiz del Hombre” era considerado por ele como “poesia verdadeira”. (VIZCAÍNO, 1993: 65).

O dom de suscitar paixões antagônicas sobre seus pontos de vista e sua obra, foi um traço dominante na trajetória de Octávio Paz. Tanto que, no final dos anos 1990, o poeta mexicano se tornou um dos mais importantes representantes do pensamento liberal no México (WERZ, 1995: 219), mas por outro lado, foi um dos primeiros intelectuais que exigiram a abertura da estrutura política do Partido Revolucionário Institucional, que permaneceu mais de 70 anos no poder.

Octávio Paz também estabeleceu uma relação bastante contraditória com os governos do PRI. Após o massacre dos estudantes pelo governo do PRI no dia 2 de Outubro 1968², Paz demitiu-se do cargo de embaixador na Índia, em repúdio contra a morte dos estudantes e transformou-se passageiramente em “modelo da esquerda latino-americana” (WERZ, 1995: 220), tendo fundado e dirigido as revistas *Plural* e *Vuelta*, revistas que congregava intelectuais que faziam oposição ao PRI. De certa forma, em “Os Filhos do Barro” a abordagem do tema da ambigüidade dos poetas românticos com relação à Revolução Francesa, é expressão das relações contraditórias

² O governo mexicano ordenou no dia 2 de Outubro de 1968, que o exército reprimisse brutalmente os estudantes que reivindicavam reformas democráticas na universidade e na sociedade mexicana. As vítimas somam mais de trezentos mortos, cujos corpos não foram encontrados até hoje. Após o massacre dos estudantes, Octavio passou a criticar abertamente o regime de partido único vigente no México desde a criação do Partido Nacional Revolucionário (PNR), em 1929.

estabelecidas entre Octavio Paz, o Partido Revolucionário Institucional, e o regime de partido único instituído no México, que perdurou por mais de 70 anos.³

De maneira contraditória, Paz, que a partir de 1968 fez oposição à hegemonia do PRI no México, no final da década de 1990 passou a apoiar as reformas neoliberais do governo de Carlos Salinas de Gortari do PRI (1989-1994). Segundo Enrique Krauze, Octavio Paz simpatizou com algumas das reformas de Salinas de Gortari, sobretudo com as reformas econômicas, com as quais o próprio Krauze afirma que esteve de acordo, pois eram “modernizadoras”, mas muito cedo se deu conta de que tais reformas vinham acompanhadas de um fundo obscuro de corrupção,

“(...) Salinas quis perpetuar-se no poder e não introduziu nenhuma reforma política substantiva, de modo que tanto Octavio Paz como seus amigos, nos decepçionamos com ele. Eu me decepçionei muito antes, nunca submetemos nenhuma de nossas publicações, idéias ou ensaios ao poder de Salinas de Gortari”(KRAUZE, 2011).

Não é nossa intenção, nesse artigo, discutir o posicionamento político de Octavio Paz, mas sim refletir sobre a noção de história e as interpretações sobre a história da literatura em “Os Filhos do Barro”. Como pretendemos demonstrar nesse artigo, Paz, ao abordar a ambiguidade dos poetas românticos para com a Revolução Francesa, de forma consciente ou inconsciente, tentou justificar as contradições das posições políticas assumidas por ele ao longo de sua vida, com relação ao regime de partido único instituído no México após a fundação do Partido Nacional Revolucionário (PNR), em 1929, o “partido da revolução”.

Segundo Octavio Paz, em “Os filhos do Barro”, as poéticas da modernidade nasceram com o romantismo, o primeiro movimento estético “moderno” e a grande negação da modernidade. Nascido no contexto do século XVIII, o romantismo, diz Paz, foi uma criação da razão crítica, utópica e revolucionária. Porém, o romantismo é uma autonegação, ou uma negação dentro da própria modernidade, como afirma Paz.⁴

³ O Partido Nacional Revolucionário (PNR), foi criado em 1929. Durante a presidência de Lázaro Cárdenas (1934-1940), o nome do partido mudou para Partido Revolucionário Mexicano (PRM), em 1938. Em 1946, tornou-se Partido Revolucionário Institucional (PRI). O PRI permaneceu no poder ininterruptamente até 2000, quando Vicente Fox foi eleito Presidente pelo Partido de Ação Nacional. Sobre a conjuntura que levou à criação do PRM na época de Cárdenas ver: CRIPA. Ival de Assis. **O Vento das Reformas: Lázaro Cárdenas e a Revolução Mexicana (1934-1940)**. Dissertação de mestrado apresentada no Departamento de História da USP (2000, cap 3, p.68). Livro no prelo a sair pela Paco editorial.

⁴ Ver: MACIEL, Maria Esther, **As Vertigens da Lucidez, Poesia, e Crítica em Octavio Paz**. São Paulo, Experimento, 1995. 186. Octavio Paz, ao interpretar o romantismo, como Maurice Blanchot, questiona a leitura meramente ideológica e busca entender o movimento romântico a partir da lógica dos opostos e não tomar isoladamente alguns traços do romantismo, tais como o gosto pela religião, o desejo de revolta, a recusa da tradição e o apelo ao novo, como se esses elementos isolados possuíssem um sentido meramente ideológico. Octavio Paz, como Maurice Blanchot, “vai dar ao Romantismo

O autor, ao abordar a história da literatura mundial e hispano-americana, busca uma conciliação entre a “atemporalidade da experiência do poeta e a temporalidade do sujeito histórico” (Perrone-Moisés, 1998, p.34). A poesia, sob a perspectiva do poeta mexicano, é um fenômeno atemporal e ultrapassa a história e ao mesmo tempo se insere na mesma, como uma força crítica e revolucionária. O poema está inserido no tempo da razão e ultrapassa-o:

“Um poema pode ser moderno por seus temas, sua linguagem e sua forma, mas por sua natureza profunda é uma voz anti-moderna. O poema expressa realidades alheias à modernidade, mundos e dimensões da psiquê que não só são mais antigos, mas também impermeáveis às mudanças da história.” (MACIEL, 1995: 188)

A tensão entre o caráter temporal e atemporal da experiência poética gera, nos ensaios de Paz, uma ruptura com a visão linear da história. A poesia foi a primeira linguagem dos homens e a condição de existência de toda a sociedade, pois é filha do mito e do tempo cíclico. Porém, a poesia ao materializar-se em poema é historicizada: “Alias para o poeta mexicano, se o poema permanece historicamente, é porque está habitado por essa ‘voz anti-moderna’, condição para que ele, no fluxo das mudanças, seja sempre diferente sem deixar de ser o mesmo, afirmando a sua trans-historicidade” (MACIEL, 1995, p.188). A *trans-historicidade* da poesia, sob a perspectiva de Paz, possibilita que o poema resista à ação corrosiva do tempo da história, permitindo a leitura e a tradução do mesmo por outras gerações. Ao transcender os limites da história, o poema, pela *trans-historicidade*, torna-se historicamente eterno, afirma Esther Maciel.

Através do jogo entre o caráter atemporal da poesia e temporal do poema, esse último realiza sua inserção na história, ingressando, assim, no fluxo progressivo do tempo linear da modernidade. Todavia, a *outra voz* do poema, a voz do mito relacionada ao tempo cíclico, confronta-se com o tempo da razão e da técnica. A poesia é, para o poeta mexicano, simultaneamente um fenômeno moderno e anti-

uma nova roupagem e ao privilegiá-lo como ponto de partida para se compreender a unidade ambivalente de toda uma constelação moderna de poetas, à qual também [Paz] se filia como poeta-crítico, visando delinear a sua própria tradição.” (MACIEL, 1995, p. 187).

moderno. A poesia é moderna ao inserir-se na história, mas expressa, também, a rebelião contra o tempo retilíneo da razão instrumental:

Daí, para Paz, o próprio termo poesia moderna engendrar um duplo paradoxo: enquanto poesia, ela já é anti-moderna por excelência, enquanto moderna ela nega a sua anti-modernidade; e vice versa, ou seja, exatamente por ser anti-moderna, que a poesia é moderna, uma vez que a negação crítica é um procedimento próprio da modernidade. (MACIEL, 1995: 189)

A gênese do movimento romântico é um caso exemplar que expressa a ambigüidade e o caráter paradoxal da literatura moderna que, segundo Paz, só pode ser considerada moderna se forem considerados seus aspectos contraditórios, ambíguos e paradoxais. Rousseau, por exemplo, é considerado um autor chave no romantismo francês que soube articular toda a visão romântica do mundo. Rousseau, de forma paradoxal, não está restrito ao romantismo, pois como sabemos, ele foi um dos pontos de partida da ilustração, mas por outro lado, todo o movimento romântico encontra-se prefigurado nele. (ver: LÖWY e SAYRE, 1995: 85). Segundo Paz, o filósofo francês é um caso exemplar que demonstra como a literatura moderna começa com a crítica da modernidade:

Se a literatura moderna se inicia como uma crítica da modernidade, a figura que encarna esse paradoxo é Rousseau. Em sua obra a idade que começa – a idade do progresso, as invenções e o desenvolvimento da economia urbana – encontra não só um de seus fundamentos, mas também sua negação mais encarniçada. Nas novelas de Jean-Jacques e nas de seus seguidores, a contínua oscilação entre prosa poesia se faz mais violenta. (PAZ, 1993: 359)

No Século XVIII, o Século da razão, a ironia sob a forma da prosa parecia triunfar. Mas, contra esse suposto triunfo, a analogia irá retornar sob a forma da sensibilidade e como uma nova potência, transtornando a arquitetura da razão:

“Nova potência? Melhor: antiquíssima, anterior à razão e à história. Ao novo e ao moderno, à história e suas datas, Rousseau e os autores que se inspiraram nele opõem a sensibilidade que não é senão o original, o que não tem datas porque está antes do tempo, no princípio.”(PAZ, 1993: 359).

O mundo das paixões, o desejo, a memória, o sonho, tudo aquilo que havia sido colocado à margem pela ilustração, emergiu na literatura moderna como crítica da razão, a partir da recuperação da sensibilidade pelos poetas românticos. O conceito de analogia opera na literatura romântica, a recuperação da sensibilidade que logo se converte na paixão dos românticos, apresentando-se como crítica da razão e como

transgressão da ordem social. É preciso distinguir o tema das paixões corporais, que ocupou um lugar central na literatura libertina do século XVIII, afirma Paz, do tema da sensibilidade na poética romântica. Somente para os românticos o corpo expressa uma linguagem.

O culto da sensibilidade e da paixão pelos românticos transformou-se em crítica moral e política da sociedade moderna, afirmação de um tempo anterior ao da história, tal como Rousseau denunciou:

A degradação desse tempo original, sensível e passional, em história, progresso e civilização se iniciaram quando, afirma Rousseau, um homem pela primeira vez cercou um pedaço de terra e disse: ‘Isso é meu’ – e encontrou tolos que acreditaram nele –. A propriedade privada funda a sociedade histórica. Começa a história da desigualdade.”(PAZ, 1993: 361)

Nutrir a nostalgia de um tempo original significa tentar regressar à idade mítica da felicidade e tornar a história prisioneira do tempo cíclico: “Na realidade o passado não regressa: os homens por um ato voluntário e deliberado o inventam e instalam na história.”(PAZ, 1993: 361). Por mais surpreendente que pareça somente a modernidade pode operar um retorno ao tempo original na imaginação romântica, pois somente ela, através da *tradição da ruptura*, pode negar-se a si mesma. Significa que a poesia moderna, como crítica da crítica, busca fundar um princípio anterior à modernidade e antagônico a ela:

“A poesia moderna que ser ela a voz de um princípio anterior à história, a revelação de uma palavra original e de fundação. A poesia é a linguagem original da sociedade – paixão e sensibilidade – e por isso mesmo é a verdadeira linguagem de todas as revelações e revoluções.” (PAZ, 1993: 362)

A poesia moderna, segundo Paz, constitui-se como um movimento iniciado pelos românticos alemães e ingleses e que foi renovado pelos simbolistas franceses, por Baudelaire, pelos modernistas ingleses e foi prolongado pelas vanguardas. Segundo D. A. Branding, a obra *Los Hijos del Limo* permite-nos conhecer as premissas culturais de Octavio Paz e sua concepção de história (BRANDING, 2002: 28-29). A obra aborda a história da poesia moderna, do romantismo às vanguardas hispano-americanas, com seus matizes e diferenças, sob a perspectiva da *tradição da*

ruptura e demonstra como os conceitos de ironia e de analogia são recorrentes no romantismo e nos movimentos poéticos modernos posteriores, até as vanguardas. A contradição entre ironia e analogia estabelece na obra de Paz um movimento em que a história oscila entre o tempo da razão e o tempo do mito. A tensão entre ironia e analogia se expressa também na ambígua relação dos poetas com a modernidade, esses que por sua vez oscilam entre uma visão crítica e uma visão otimista do mundo moderno.

Os poetas românticos oscilaram entre a fascinação pelas construções da razão crítica e a repulsa da modernidade, muitos eram monarquistas e inimigos da Revolução Francesa, mas se entusiasmaram com o movimento revolucionário.⁵ Segundo Paz, Hölderlin, por exemplo, manifesta essa ambivalência com a Revolução Francesa, quando durante a Primeira Coalizão contra a República Francesa, quando ao escrever uma carta para a irmã afirma: “Roga para que os revolucionários derrotem os austríacos, pois ao contrário o abuso de poder dos príncipes será terrível. Acredite e ora pelos franceses, que são os defensores dos direitos do homem”. (19 de Junho de 1792) (HÖLDERLIN, **Ouvres**, citado por Octavio PAZ, 1993: 367).

Um pouco mais tarde, Hölderlin escreveria uma ode à Bonaparte, “libertador da Itália.” Para Rousseau e para Hölderlin, o sonho romântico de uma comunidade igualitária e livre aparece aliado ao tema do amor. E, mesmo para o romantismo como um todo, o amor é uma transgressão social e a mulher é exaltada, não como um objeto, mas como um sujeito erótico: “Novalis fala de um comunismo poético, uma sociedade na qual a produção e não só o consumo, de poesia seria coletivo. Friedrich Schelegel fez apologia do amor livre sua novela *Lucinde* escrita em 1799” (PAZ, 1999: 368).

Como um discurso crítico que fora elaborado no interior da própria sociedade moderna e que a nega, a ironia inspirou a crítica de Schelegel, Novalis, Wordsworth, Coleridge, Shelley e Nerval, que apoiaram as revoluções burguesas na Europa, buscando a renovação social a partir da destruição das sociedades marcadas

⁵ A poesia moderna, na perspectiva de Paz, é uma só e apesar das diferenças regionais engloba as poéticas anglo-americanas e latino-americanas como um todo. Para comprovar a unidade da poesia moderna, o recorte temático efetuado em *Los Hijos del Limo* aborda o romantismo inglês e alemão; sua metamorfose no simbolismo francês e o modernismo hispano-americano que culminou com as vanguardas do Século XX. Explorando a relação ambígua com os movimentos revolucionários da modernidade, que oscilou entre a adesão entusiástica e a repulsa (desde a Revolução Francesa até a Russa), o livro explora o diálogo tenso e contraditório com e contra as revoluções modernas e as religiões cristãs.

pelas desigualdades entre os homens. Eles queriam recuperar um tempo anterior à injustiça, como queria Rousseau. A analogia e a busca de um tempo anterior ao tempo da razão instrumental se expressam na aproximação dos poetas românticos com certo espírito religioso e manifesta a contradição entre ironia e analogia, na obra dos românticos. Trata-se de uma faceta contraditória da história do romantismo: um o conflito de postos, afirma Paz, e está associado ao tema da morte de Deus (entendida como crise das certezas da ilustração e da metafísica), que no romantismo configura-se como uma crítica das religiões ocidentais e via no paganismo o renascimento de um tempo anterior ao tempo da razão.

A crítica das religiões configurou, afirma Paz, “uma ‘irreligião’ preocupada tanto em restaurar o paganismo das antigas religiões soterradas pelo advento do cristianismo ou recuperar um outro cristianismo não institucionalizado, quanto em converter a própria poesia em uma religião sem deuses, onde se manifesta a voz do sagrado do princípio dos tempos. “A poesia é a religião original da humanidade”, disse Novalis. (MACIEL, 1995: 2002-03).

A revolução e a poesia, então, são, na sua acepção, tentativas de destruição do tempo presente, tempo das desigualdades, para instaurar *outro tempo*. Mas Paz diferencia o tempo da poesia e o tempo da revolução: a revolução representaria o tempo fechado da razão crítica, do futuro das utopias e o tempo da poesia seria o da “vida anterior”, um tempo sem datas. Segundo Octavio Paz, William Wordsworth, após visitar a França no ano de 1790, entusiasmou-se com o movimento republicano e por dois anos conviveu com os girondinos. E, como muitos escritores do Século XIX, Wordsworth tomou partido em prol de uma das facções que disputavam a direção da Revolução Francesa, (os girondinos) que foi uma facção vencida. O diretório cederia lugar a Napoleão e a longa guerra perdera seu sentido de luta em defesa da República. Segundo Wordsworth, “E agora, por sua vez convertidos em opressores, os franceses transformaram uma guerra de autodefesa em outra, de conquista, perdendo de vista tudo pelo que haviam batalhado” (WORDSWORTH, APUD: THOMPSON, 2002: 85).

Apesar das diferenças entre seus pontos de vista políticos e orientações teóricas, haja vista que estamos diante da obra de um poeta crítico e de um historiador marxista, podemos traçar algumas relações entre as interpretações de Octavio Paz sobre o romantismo, com as interpretações do historiador Edward Palmer Thompson, que também refletiu sobre a ambigüidade dos poetas românticos com relação à Revolução Francesa, em seu livro sobre os românticos ingleses, entre o final do século XVIII e início do século XIX. Para o historiador inglês, sob uma perspectiva semelhante à de Paz, mesmo nos dias de hoje, uma dose de apostasia pode ser estimulante para as faculdades críticas, pois algumas das melhores críticas de Coleridge pertencem aos anos de apostasia para com a Revolução Francesa.

Assim como Paz, Thompson recupera o desapontamento dos poetas românticos para com a Revolução Francesa, que transformaram a expectativa por igualdade e liberdade em uma fé interior invertida, tornando a poesia moderna refém de um discurso religioso, ainda que não oficial:

“Se a tentativa de viver os ideais parece produzir seus opostos – se fraternité gera o fratricídio, a égalité gera o império, a liberdade gera o liberticídio – então as aspirações só podem se transformar numa fé interior invertida.”(THOMPSON, 1995: 91).

Segundo Octavio Paz, Wordsworth envereda na direção de uma “fé interior invertida”, diante dos “desastres da história”, voltando-se para sua infância e buscando um *outro tempo*, distinto da história moderna, um tempo em que a natureza se vê a si mesma, através da imaginação.

Thompson, ao referir-se à apostasia dos românticos ingleses, afirma ser possível traçar um paralelo entre o desencanto dos românticos ingleses e o desencanto de intelectuais, escritores e poetas do Século XX com a Revolução Russa e a Insurreição Espanhola. O historiador inglês afirma que se examinadas escrupulosamente estas comparações não se sustentam como análise histórica rigorosa. Contudo, pensando nos processos históricos mais gerais, é possível estabelecer o paralelo e admitir que a tensão entre poetas e revolucionários seja recorrente na história das revoluções modernas (ver: THOMPSON, 2002: 97).

Tal tensão entre os poetas e as Revoluções se expressa, também, no desencanto de Octávio Paz para com os rumos da Revolução Russa e com a derrota dos republicanos na Espanha. Em “Os Filhos do Barro”, é explícita a identificação de Octavio Paz com o desencanto dos românticos ingleses com a Revolução Francesa. Em um texto autobiográfico, Paz afirma que o primeiro atentado a vida de Trotski

aprofundou seu conflito existencial. Paz havia se engajado em defesa da República espanhola, participando da fundação do jornal “El Popular”, que se converteu em órgão de difusão da esquerda mexicana (PAZ, 1993, p.69). Paz afirma que durante esse período, se negou escrever um artigo encomendado pelo editor que ligasse Trotski com grupos nazistas, na Revista “Futuro”. A consequência foi o seu afastamento da Revista e a ruptura com os comunistas e o grupo de intelectuais de esquerda ligado ao jornal “El Popular”. A desilusão de Paz com a URSS se aprofundou, diz ele, quando "Um pouco depois, em 23 de Agosto de 1939, se firmava o pacto germano-soviético. (...) Senti que nos haviam cortado não só a língua" (PAZ, 1993: 69).

O que podemos perceber é que a ambiguidade dos poetas românticos para com a Revolução Francesa foi um tema ao mesmo tempo vivido e refletido por Octavio Paz em seus escritos sobre a literatura e sobre a história. Segundo Octavio Paz, a contradição entre poesia e revolução manifestou-se em outras circunstâncias históricas, não somente na Europa do Século XIX, mas durante o Século XX. Esse debate estende-se, inclusive, durante as polêmicas entre os surrealistas e os membros da Terceira Internacional. Um caso exemplar foi a amargura de César Vallejo, dividido entre a poesia e o Partido Comunista, outro exemplo seriam as querelas em torno do “realismo socialista”.

Para voltar à abordagem especificamente das tensões entre os poetas românticos e o tema da Revolução Francesa, recuperamos a discussão sobre o conceito de ironia na obra dos românticos, em “Os Filhos do Barro”. Segundo Paz, ao transformarem sua reflexão sobre o mundo moderno numa “fé interior invertida”, as “religiões românticas”, com suas blasfêmias, heresias, conversões, apostasias e sincretismos inseriram, por meio da ironia, uma quebra da subjetividade dentro de uma ordem supostamente objetiva, criaram condições para a crítica do capitalismo empreendida mais tarde por Marx e Engels por exemplo:

A ambigüidade romântica tem dois modos, no sentido musical da palavra: se chama ironia e consiste em deixar cair, na plenitude do ser, una gota de nada. A ironia revela a dualidade do que parecia uno, a excisão do idêntico, o outro lado da razão: a quebra do princípio de identidade. A angústia nos mostra que a existência está

vazia, que a vida é morte, que o céu é um deserto: a quebra da religião. (PAZ, 1999: 372).

O tema romântico da morte de Deus (que significou na verdade a crise das certezas do pensamento metafísico), se colocado na perspectiva do monoteísmo e do tempo irreversível da modernidade impõe o questionamento apontado por Paz: como pode morrer alguém que nunca nasceu? Para o paganismo, na Antigüidade, os Deuses são mortais e a manifestação do tempo cíclico os faz renascer e regressar. Na tradição tolteca, no México pré-colombiano, Quetzalcóatl abandona a cidade de Tula e se converte em estrela após imolar-se e um dia retornar e recobrar sua herança. Cristo veio à terra somente uma vez, pois na história dos cristãos os acontecimentos são únicos e não se repetem. Com a morte de Deus nos sentimos lançados na contingência e no absurdo. Jean-Paul Ritchen, ao escrever o poema *El Sueño* (um sonho sobre a morte de Deus), coloca na boca de Shakespeare a notícia da morte de Deus, transformando o poeta num vidente, porta voz dos espíritos: “o poeta desaloja o sacerdote e a poesia se converte em uma revelação rival da escritura religiosa.” PAZ, 1999: 373). Octavio Paz cita o poema *El Sueño*, de Jean-Paul Ritchen, no momento em que Cristo em meio às sombras, desce dos céus e diz:

Recorri os mundos, subi até os sóis e não encontrei Deus algum;
baixei até os últimos limites do universo,
mirei os abismos e gritei: Pai onde estás?
Mas não escutei nada, somente a chuva que caía no precipício
e a eterna tempestade que nenhuma ordem dirige...
A eternidade repousava sobre o caos, o roía e ao roer-lo,
se devorava lentamente a si mesma.
As crianças mortas se aproximaram de Cristo e perguntavam:
Jesus não temos pai?
E ele responde: todos somos órfãos (APUD: PAZ, 1999, p.374)⁶

No Século XVIII, segundo Octavio Paz, com exceções como Hume, a ilustração criou a imagem de um cosmos regido por leis derivadas de uma ordem divina ou natural. O tema romântico da morte de Deus, tal como se apresenta no poema de Jean-Paul Ritchen, se opõe à visão do universo regido por um mecanismo racional e à visão da história como um processo linear da ilustração. Para os românticos, a equação se inverte e a história do homem está lançada na contingência. Como uma imensidão sem forma, agitada por movimentos passionais:

⁶ Tradução livre do espanhol.

Universo sem leis, mundo a deriva, visão grotesca do cosmos: a eternidade está sentada sobre e caos e, ao devorar-lo, se devora. Estamos diante da ‘natureza caída’ dos cristãos, mas a relação entre Deus e o mundo se apresenta invertida: não é o mundo, caído das mãos de Deus, que se precipita no nada, e sim Deus quem cai no centro da morte. Blasfêmia enorme: ironia e angustia. A filosofia havia concebido um mundo movido, não por um criador, senão por uma ordem inteligente; para Jean-Paul e seus descendentes a contingência é uma consequência da morte de Deus (PAZ, 1999: 374).

Sempre em oposição ao tempo contínuo da história moderna, a poesia romântica reafirma o tempo sem datas da imaginação e da sensibilidade. Contra a “eternidade cristã,” ela afirma a morte de Deus e a queda da história na contingência. Um cristianismo sem Deus e um paganismo cristão seriam os traços constitutivos da poesia do Ocidente, desde o romantismo. Trata-se de uma dupla transgressão:

Angustia e ironia: diante de um tempo futuro da razão crítica e da Revolução, a poesia afirma o tempo sem datas da sensibilidade e da imaginação, o tempo original (...) o tempo sem datas da imaginação não é um tempo revolucionário e sim mítico; a morte de Deus é um mito vazio. A poesia romântica é revolucionária não com e sim frente às revoluções do século; e sua religiosidade é uma transgressão das religiões. (PAZ, 1999: 376).

Para Octavio Paz a linguagem não existe para preencher as necessidades materiais dos homens, mas para satisfazer sua imaginação e seus desejos e fantasias, pois “não foi a fome, mas o amor, o medo e o assombro que nos fez falar” (PAZ, 1999, p. 376), afirma o poeta mexicano. O princípio metafórico é o fundamento da linguagem e não podemos distinguir a poesia das primeiras crenças da humanidade. O que depois se denominou poema, eram as antigas fórmulas mágicas e os relatos míticos, “Sem a imaginação poética não haveria nem mitos nem sagradas escrituras; ao mesmo tempo, também desde o princípio, a religião confisca para seus fins os produtos da imaginação poética.”(PAZ, 1999, p. 376). A sedução que exercem sobre nós os mitos reside no caráter religioso destes textos e o poder que a fabulação poética tem de transfigurar o mundo e a realidade. Segundo Paz, uma das funções cardinais da poesia é mostrar o outro lado das coisas, o maravilhoso e o cotidiano. Contudo, as

religiões institucionalizadas e suas burocracias sacerdotais e teológicas, transformaram a imaginação em crenças e as crenças em sistemas.

Os poetas buscavam encontrar um fundamento anterior às religiões e encontraram na obra de alguns filósofos da ilustração argumentos em seu favor. A obra de Kant, por exemplo, foi fundamental no desenvolvimento da segunda fase da obra do poeta inglês Coleridge. Kant revelou a “imaginação transcendental”, como uma faculdade do homem que permite desdobrar um universo mental mais além dos objetos e o seu lugar, afirma Paz. A imaginação, ao permitir que o homem coloque diante de si os objetos, tornou-se uma condição do processo de conhecimento, pois sem ela não haveria nem percepção nem juízo:

A imaginação transcendental é a raiz, como disse Heidegger, da sensibilidade e do entendimento. Kant havia dito que a imaginação é o poder fundamental da alma humana e o que serve a priori de princípio a todo conhecimento. Por meio desse poder, ligamos, por uma parte, a diversidade da intuição e, por outra, a condição da unidade necessária da intuição pura (PAZ, 1999: 377).

Coleridge acreditava na imaginação como uma faculdade que converte as idéias em símbolos e os símbolos em presenças. Para Coleridge, não havia distinção entre imaginação poética e revelação religiosa. Os românticos foram os primeiros a afirmar a anterioridade espiritual da poesia frente às religiões oficiais e à filosofia, “Para eles a palavra poética é a palavra de fundação. Nessa afirmação temerária está a raiz da heterodoxia da poesia moderna tanto frente às religiões como ante as ideologias.”(PAZ, 1999, p.378). Diante da desintegração da mitologia cristã, os poetas foram obrigados a inventar mitologias pessoais usando fragmentos de outras filosofias e religiões. Segundo Paz, apesar da multiplicidade dos sistemas poéticos criados a partir do romantismo, é possível perceber um traço comum em toda poesia moderna, do romantismo ao surrealismo: a analogia. A analogia, entendida como crença na correspondência entre todos os seres e os mundos, é anterior ao cristianismo. Expressando-se na pena dos neoplatônicos, dos ocultistas, dos iluministas, ela chegou até o Século XIX e inspirou (de maneira secreta ou assumida), a obra de poetas e escritores como Goethe, Balzac, Baudelaire, Mallarmé, Yeates e os surrealistas. Segundo Octavio Paz, se a analogia sobreviveu ao paganismo, ela sobreviverá ao cristianismo e sobreviverá à hegemonia de certo espírito cientificista (principal inimigo da analogia na atualidade). A analogia é o princípio anterior e distinto às razões das filosofias e às revelações das religiões e a poesia é uma das

manifestações da analogia. As rimas, as aliteraões, as metáforas e as metonímias, são modos de operação do pensamento analógico. Pela analogia, Octavio Paz concebe o poema da seguinte forma:

O poema é uma sequência espiral que regressa sem cessar, sem regressar jamais de todo, a seu começo. Se a analogia faz do universo um poema, um texto feito de oposições que se resolvem em consonâncias, também faz do poema um duplo do universo. Dupla consequência: podemos ler o universo, podemos viver o poema. (PAZ, 1999: 380).

A poesia, então, é uma forma de conhecimento do mundo e permite ler o universo, mas a poesia é também *ato* e o poema pode ser *vivido*. Das duas maneiras, o poema roça nas fronteiras da religião e da filosofia, segundo Paz. A partir da interpretação de Octavio Paz sobre a poesia moderna, desde o romantismo até as vanguardas, podemos perceber, então, como a imagem poética constitui uma visão rival, tanto da perspectiva do revolucionário, quanto da perspectiva da religião, “A poesia moderna tem outra coerência, feita não de razões, mas de ritmos. Não obstante, há um momento em que a correspondência se rompe; há uma dissonância que se chama no poema: ironia, e na vida: mortalidade.” (PAZ, 1999: 380).

Segundo Paz, enquanto as mitologias poéticas envelhecem e se tornam poeira, como as religiões e as filosofias, a poesia permanece. Pode-se, então, ler os textos sagrados de todas as épocas como textos poéticos, pois segundo William Blake, “o gênio poético é o homem verdadeiro. As religiões de todas as nações derivam de diferentes recepções do gênio poético.” (PAZ, 1999: 380). As religiões, apesar de serem históricas e estarem condenadas a desaparecer, elas possuem um germe poético que perdurará. Paz coloca o problema: em quem acreditar? Em Hume que ri da idéia da imaginação poética como algo que deriva do envelhecimento das religiões e perdura a elas; ou em Blake, que exaltou a imaginação poética? Segundo Octavio Paz, a história da poesia moderna é a história da resposta que cada poeta tentou dar a esse problema. O poema é histórico, mas ao mesmo tempo transcende a história, “a poesia é a palavra do tempo sem datas. Palavra do princípio, palavra de fundação”, afirma o poeta mexicano. (PAZ, 1999: 380)

Para concluir vale dizer que, segundo as interpretações de Octavio Paz sobre a história do romantismo, a relação entre poesia e história na poética romântica transfigura-se na relação entre a analogia e a ironia. A analogia, ao recuperar o tempo cíclico e a outras realidades possíveis, dá sentido ao mundo e à vida. A poesia, porém, não opera só pela analogia, afirma Paz. Ela é, também, ruptura da analogia pela ironia. A ironia que é consciência da história moderna é consciência de que somos finitos e que um dia morreremos inclusive os poetas. De certa maneira, afirma Paz, o romantismo pode ser tomado como um prolongamento do protestantismo, que na verdade preparou as condições psíquicas e morais do primeiro:

As fronteiras literárias do romantismo coincidem com as fronteiras religiosas do protestantismo. Essas fronteiras foram principalmente linguísticas: o romantismo nasceu e alcançou sua plenitude nas nações que não falam a língua de Roma. Ruptura da tradição que até então havia sido central no Ocidente e aparição de outras tradições (...) A partir dos românticos o Ocidente se reconhece em uma tradição distinta da de Roma, e essa tradição não é uma, mas múltipla. (PAZ, 1999: 388).

O romantismo foi, afirma Octavio Paz, uma transformação não somente de estilo, mas de visão de mundo e de sensibilidade. Ele introduziu uma revolução métrica, ao ressuscitar os ritmos antigos da Alemanha e da Inglaterra, encarnados na analogia. Trata-se de uma revolução que foi muito mais sentida que pensada e muito mais ouvida que sentida:

A analogia concebe o mundo como ritmo: tudo se corresponde porque tudo ritma e rima. A analogia não só é uma sintaxe cósmica: também é uma prosódia. Se o universo é um texto ou um tecido de signos, a rotação desses signos é regida pelo ritmo. O mundo é um poema; e por sua vez, o poema é um mundo de ritmos e símbolos. Correspondência e analogia não são senão nomes do ritmo universal. (PAZ, 1999: 389).

Ao desenterrarem os ritmos poéticos tradicionais, os românticos ingleses e alemães ressuscitaram a visão analógica do mundo e do homem e a poesia manteve a analogia viva, frente ao seu principal inimigo: o progresso científico. Antes dos românticos, para Paz, a analogia fora preservada como uma idéia pelas seitas ocultistas, herméticas e libertárias dos Séculos XVII e XVIII. Os poetas românticos alemães e ingleses traduziram a visão analógica pela idéia de *mundo como ritmo* e converteram o ritmo verbal em poemas.

Referências Bibliográficas

- BLANCHOT, Maurice. **O Espaço Literário**. Rio de Janeiro: ed. Rocco, 1987.
- BRANDING, David A. **Octavio Paz y la Poética de La Historia Mexicana**. México, D.F., EFE, 2002.
- CRIPA, Ival de Assis. **O círculo, a linha e a espiral: temporalidades da poesia e da história na obra crítica de Octavio Paz**. 2007. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) — Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2007. Disponível: <http://cutter.unicamp.br/document/results.php?words=cripa>
- CRIPA, Ival de Assis. **O massacre dos estudantes na cidade do México em 1968: o poeta Octavio Paz e a história política**. Revista Eletrônica da ANPHLAC, n.11, p. 40-58, jul./dez. 2011. Disponível: <http://revista.anphlac.org.br/index.php/revista>.
- CRIPA, Ival de Assis. **O Vento das Reformas: Lázaro Cárdenas e a Revolução Mexicana (1934-1940)**. Dissertação de mestrado apresentada no Departamento de História da USP (2000, cap 3, p.68) CRIPA, Ival de Assis. **O Vento das Reformas: Lázaro Cárdenas e a Revolução Mexicana (1934-1940)**. Dissertação de mestrado apresentada no Departamento de História da USP.
- KRAUZE, Enrique **De redentores a caciques de lo ilícito**. Entrevista concedida à Enrique de Mendoza Hernández. In: **Zeta Libre como el Viento**. Edición número 1963, Noviembre 14, 2011. Disponível: <http://www.zetatijuana.com/2011/11/14/enrique-krauze-de-redentores-a-caciques-de-lo-ilicito/>. Acesso: 25/08/2013, 22:53.
- LÖWY, Michael e Robert Sayre. **Revolta e Melancolia: o romantismo na contramão da modernidade**. Petrópolis, R.J.: Vozes, 1995.
- MACIEL, Maria Esther. **As vertigens da Lucidez, Poesia e Crítica em Octavio Paz**. São Paulo: Experimento, 1995.
- MACIEL, Maria Esther. **Vôo Transverso, Poesia, Modernidade e Fim do Século XX**. Belo Horizonte: Sete Letras, 1999.
- PAZ, Octavio. **ITINERÁRIO**. México, D. F: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- PAZ, Octavio. **Los Hijos Del Limo**. In: **La Casa de la Presencia, Poesía y Historia**. Obras Completas, v.I, Edición del autor, letras mexicanas. México, DF. Editora Fondo de Cultura Económica, 1999.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas Literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos**. São Paulo, CIA das Letras, 1998.

THOMPSON, E. P., **Os Românticos, A Inglaterra na era revolucionária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

SANTÍ, Enrico Mario. **Introducción**. IN: PAZ, Octavio. **PRIMERAS LETRAS (1931-1943)**. Barcelona, Seix Barral, 1990. ULACIA, Manuel. **EL árbol milenario. Um recorrido por la obra de Octavio Paz**. Barcelona, Cícurulo de Lectores, 1999.

VIZCAÍNO, Fernando. **Biografía Política de Octavio Paz, o La Razon Presente**. Málaga, Espanha: Editorial Algazara, 1993.

VOLPI, Jorge. **Octavio Paz en Valencia** [en línea]. *Revista de la Universidad de México*. Nueva época. Mayo 2008, No. 51. Disponível: <http://www.revistadelauniversidad.unam.mx/51/volpi/51volpi.html>

WERZ. Nicolaus. **Pensamiento sociopolítico moderno en América Latina**. Caracas, Venezuela, Editorial Nueva Sociedad, 1995.